

O vaso de Uruk

Um ícone da civilização mesopotâmica

*É claro que as imagens
que as televisões mundiais
transmitiram
não correspondiam
ao mesmo vaso,
ao contrário do que
terá afirmado Donald
Rumsfeld,
transportado pelo mesmo
homem, vezes sem conta.
Mas imaginemos,
por um momento,
que sim,
que se tratava do mesmo
vaso e que só esse
havia sido pilhado.
Esse vaso poderia ser
o vaso de Uruk.
Só essa perda seria já
suficientemente grave.*

Francisco Caramelo
*Faculdade de Ciências Sociais
e Humanas da Universidade
de Lisboa*

O vaso de Uruk ou Warka foi uma das magníficas peças que desapareceram do Museu Nacional do Iraque em Abril passado. Donald Rumsfeld, Secretário de Estado da Defesa dos Estados Unidos da América, desdenhando, dias depois, da importância e das consequências dos factos, comentava numa conferência de imprensa:

The images you are seeing on television you are seeing over, and over and over, and it's the same picture of some person walking out of some building with a vase, and you see it 20 times, and you think, 'My goodness, were there that many vases? Is it possible that there were that many vases in the whole country?'

O tempo encarregou-se de trazer mais lucidez e objectividade às avaliações que, posteriormente, se sucederam, umas oficiais e outras mais voluntárias. Se é verdade que não se justificavam os números que circularam na Comunicação Social a uma escala mundial, logo nos primeiros dias após as pilhagens, também é verdade que não podemos aceitar os balanços que, mais tarde, foram sugerindo que haviam desaparecido apenas umas escassas dezenas de peças.

Sabemos hoje que permanecem desaparecidas muitas peças de valor incalculável, ainda que as estimativas iniciais tenham sido revistas em baixa e que muitas tenham sido recuperadas ou devolvidas ao Museu. Mas

que concluir daqui? Devemos conformar-nos porque não foi tão mau quanto pensávamos? Não, quando está em causa a nossa memória e um património de importância inestimável.



É claro que as imagens que as televisões mundiais transmitiram não correspondiam ao mesmo vaso, ao contrário do que terá afirmado Donald Rumsfeld, transportado pelo mesmo homem, vezes sem conta. Mas imaginemos, por um momento, que sim, que se tratava do mesmo vaso e que só esse havia sido pilhado. Esse vaso poderia ser o vaso de Uruk. Só essa perda seria já suficientemente grave. Falamos das pilhagens no plural, mas debrucemo-nos momentaneamente sobre uma peça em particular, bem representativa da civilização mesopotâmica, designadamente suméria.

O vaso de Uruk, em alabastro, com cerca de 105 cm de altura e 36 cm de diâmetro, remonta a cerca de 3000 a.C. Trata-se do período sumério e Uruk era uma das cidades-estado mais importantes, pátria de Gilgamesh. O vaso destinava-se a utilizações de carácter ritual, muito provavelmente no culto de Inanna, que correspondia à Ishtar semita. Aliás, o próprio vaso representa uma cena ritual que aparece desenvolvida ao longo de três registos. Convencionalmente, a leitura inicia-se a partir do registo inferior.

Neste primeiro registo, dividido em duas partes, visualizamos uma imagem que poderá representar os campos cultivados, bem como os animais que pertenciam ao domínio do Templo. O Templo constituía, no período sumério, a instituição mais importante da cidade-estado, polarizando as actividades económicas e sociais e impondo-se como centro

administrativo e político da urbe. Era no complexo do Templo que residia o EN (Senhor), simultaneamente o sacerdote principal da divindade tutelar da cidade e o seu chefe político e administrativo.

O segundo registo parece representar as oferendas destinadas a Inanna, transportadas por um cortejo de homens nus, o que estará decerto relacionado com a especificidade e a natureza do culto da divindade, deusa do amor e da guerra. Este cortejo ritual é conduzido ao seu destino, o templo de Inanna, onde a cerimónia terá o seu momento culminante.

Eanna era o nome do templo de Inanna e de An e significa a «casa de An» ou a «casa do céu». Os dois postes que podemos ver à esquerda da imagem, neste terceiro registo, identificam a deusa Inanna. A figura



masculina que está diante da deusa pode representar o EN de Uruk, assumindo o primeiro plano no culto da deusa. Possivelmente, a cena, em três registos, remete para um dos rituais mais importantes da religião mesopotâmica – o festival do Ano Novo ou Akitu. Nesse caso, a figura masculina em destaque, para além de representar o EN de Uruk, identificar-se-ia também com DUMUZI. Este era o deus pastor, adorado em Uruk como marido de Inanna, com quem o EN e mais tarde o rei se identificavam. O rito do casamento sagrado em que o EN ou o rei interpretavam o matrimónio com Inanna constituía um dos momentos mais importantes no processo de legitimação do poder e todos os anos era dramatizado no templo da deusa.

O vaso de Uruk consiste numa janela aberta sobre a religião mesopotâmica, mas também sobre as suas concepções políticas e ideológicas, sobre as suas formas de representação artística e sobre todo um mundo que constitui a nossa memória. Em vez de falarmos sobre as pilhagens em geral ou sobre os números mais ou menos discutíveis, propusemo-nos olhar com mais atenção uma peça em particular e mostrar como qualquer perda é importante.

O vaso de Uruk foi entretanto recuperado.



Três homens devolveram a peça ao museu no dia doze de Junho. O vaso encontrava-se danificado e terá que ser objecto de restauro. A memória histórica da Mesopotâmia é património comum da humanidade. É da responsabilidade de todos nós. Em Abril, essa memória sofreu um rude golpe. Temos, todos nós, o dever de a preservar, de a restaurar e até de a redescobrir.